



As nossas actrizes em "travesti": — Ausenda de Oliveira, graça e juventude eternas, num dos seus mais curiosos papéis de revista

ALMA NOVA



SUMÁRIO DÊSTE NÚMERO

ALEGROS...: *Diálogo*, por Mario Rosa Guimarães da Silva; EL-REI CARNAVAL, a sua *Vida...* e *Entérro*, por João Sincero; AS CARTAS DE AMOR EM PORTUGAL, por Júlio Dantas; CHAMINÉS DE PORTUGAL (cont.), por Luis Chaves; OS LIVROS DO MÊS, por Mateus Moreno; ARTE, TEATRO, ACTUALIDADES E INFORMAÇÃO GRÁFICA.

Separata: Folha-solta de actualidades — O ECO NACIONAL.

ESTA REVISTA NÃO TEM FINS COMERCIAIS, VIVE APENAS DA DEDICAÇÃO DOS SEUS AMIGOS E COLABORADORES, NO INTUITO DE BEM SERVIR AS LETRAS E ARTES PORTUGUESAS. TODOS OS AUXÍLIOS, OU RECEITAS DE ASSINATURAS, SÃO DESTINADOS EXCLUSIVAMENTE À SUA MELHORIA E : : : : EXPANSÃO : : : :



DIRECTOR E EDITOR
MATEUS MORENO

Direcção: Calçada João do Rio, 8-1.
 LISBOA

Assin.: Ano (12 n.º) 10\$00. Avulso, 1 Esc.

REDACTORES EFECTIVOS

DR. EMÍLIO SALGUEIRO, DR. LUÍS D'OLIVEIRA GUIMARÃES, DR. M. GOMES DOS SANTOS E REBELO DE BETTENCOURT.

Propriedade da Cooperativa Editora «RESSURGIMENTO» — Lisboa.

Composição e impressão — Tipografia Minerva VILA-NOVA-DE-FAMALICÃO

V I S A D O P E L A C O M I S S Ã O D E C E N S U R A

■ ■ ■ ■ ■ A L E G R O S ■ ■ ■ ■ ■



DIÁLOGO



Ao serão, num doce «lê-le-a-lê», por entre pequeninos goles de chá, D. Pulquéria de Vasconcelos e o conselheiro Anacleto da Silva recordam comovidos o passado. São dois velhos, muito velhinhos, de faces enrugadas e cabelos de espuma. Ela tem 80 anos, êle tem 85, e as suas vozes, tão fraquinhas que mal se ouvem, confundem-se na mesma saudade.

Ela: — Tudo muda com o tempo, tudo, senhor Anacleto! Lembrar-me eu que dantes não se falava cá em teatros, nem em cinemas, e vivia-se, e era-se feliz!

Ele: — ; Feliz como já se não sabe ser!

Ela: — Diz muito bem, senhor Anacleto, é isso mesmo: «Feliz como já se não sabe ser!» De noite ficava-se em casa: os homens jogando a bisea e as senhoras a conversarem; umas bordando ou fazendo «crochet» e as outras a liarem nas rocas... Hoje!...

Ele: — Hoje já não há nada com fios, senhora D. Pulquéria. Pr'ái só se ouve falar na telefonia sem fios, na telegrafia sem fios, no demónio... sem fios! E eu afinal é que ando nesta Vida por um fio!...

Ela: — Não diga isso! O senhor Anacleto está ainda muito bem conservado e êsse fio que o prende à vida deve ser com certeza de Escócia, a avaliar pela sua resistência...

Ele: — Obrigado, querida amiga, mas isto está por pouco! Eu sinto-me, e já não tenho ilusões, porque perdi-as, todas, aí por volta dos 50 anos, quando ainda era um rapaziño...

Ela (comovida): — E eu uma rapariguinha...

Ele (baboso): — Bem bonita, por sinal.

Ela (dengosa): — Ai, como é bom recordar!

Ele: — Se é! Houve já quem dissesse até que o recordar era viver!

Ela: — E olhe que eu quando recordo sinto-me mais

nova e parece mesmo que volto àquele tempo em que... O senhor Anacleto, compreende-me?

Ele: — Compreendo... compreendo, sim, minha senhora, porque eu também me lembro com muitas saudades dêsse tempo em que... Nós sempre nos demos muito bem!...



D. MARIA ROSA GUIMARÃES DA SILVA
Dedicada colaboradora e grande amiga da *Alma Nova*, é uma das mais espirituosas e prometedoras penas : : : femininas da nova geração : : :

Ela: — Lá isso é unia verdade, e até parece que fômos eriados um para o outro...

Ele: — E fômos. Se a senhora D. Pulquéria não se tivesse casado...

Ela: — Se o senhor Anacleto não tivesse ido para o Brasil...

Ele: — Tem razão. Eu é que fui o culpado, porque parti!

Ela (desculpando-o): — Não! Eu é que fui a culpada, porque casei!

Ele: — Fômos ambos os culpados; ou para melhor dizer: nem um nem outro teve culpa. Era êste o nosso destino, foi Deus que assim o quis!

Ela: — Sim, era êste o nosso destino; mas se agora se pudesse voltar atrás: desfazer o que se fez e fazer-se o que não se chegou a fazer...

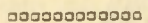
Ele: — Tornávamos a cair nos mesmos êrros...

Ela: — Talvez não, porque agora tínhamos mais prática da vida.

Ele: — Oh! de que serviria a prática, se a mocidade há-de ser sempre louca?!

Ela: — E' certo, é certo, mas quem pudêra, ao menos, fazer essa experiência!

MARIA ROSA GUIMARÃES DA SILVA.



A "Alma Nova" agrada-lhe? Pratica uma obra de cultura espiritual, recomendando-a aos seus conhecimentos.

O ECO NACIONAL

(FOLHA SOLTA DE ACTUALIDADES)



DR. JOSÉ DIAS SANCHO

escritor e jornalista, cujas afirmações de talento o faziam ser já considerado uma das nossas melhores esperanças literárias e cujo falecimento, a 10 do mês findo, foi para as letras pátrias e para o seu Algarve uma perda irreparável.

UM GRUPO DE ADMIRADORES E AMIGOS DO ESCRITOR JOSÉ DIAS SANCHO
VAI ORGANIZAR-LHE, EM OLHÃO, UM IN-MEMORIAM.

IDEIAS & FACTOS

PELO RESSURGIMENTO NACIONAL

Um dos romeiros da grande peregrinação patriótica aos lugares sagrados de Portugal (ou antes, do Norte do País), levada a efeito no ano findo pelo *Diário de Notícias*, foi o nosso camarada de redacção Dr. M. Gomes dos Santos.

Porque bem simbolizam, não só o pensamento patriótico de todos os romeiros, mas de quantos hoje trabalham na *Alma Nova*, julgamo-nos no dever de arquivar aqui algumas das nobres palavras proferidas pelo nosso querido companheiro na última reunião dos Peregrinos.

Elas de certo modo estabelecem pontos de doutrina de que nunca nos desejamos alhear.

Eis as principais afirmações da brilhantíssima oração:

«Nesta maravilhosa peregrinação, através da formosíssima Terra de Santa Maria, encontraram-se pessoas das mais variadas classes da sociedade portuguesa. E todas se mostraram identificadas na sublime doutrina do patriotismo. Dissensões, preconceitos, scepticismos, vaidades — todas as influências deletérias se afastaram, como por milagre, para que o amor, a fé, a coragem e a dedicação de novo brilhassem no firmamento de Portugal!

.....

E' no campo da batalha, onde não há comiserção nem conforto, sob o rigor da disciplina e a constante ameaça do inimigo que os heróicos soldados portugueses se abraçam como verdadeiros irmãos, para ganharem coragem, suportarem fadigas e desafiarem a própria morte!

Quem ousará quebrar os laços de solidariedade que então se estabelecem, tão vigorosos, tão indissolúveis, que permanecem pela vida fora a patentear a nossa inquebrantável dedicação?!

Pois bem, todos nós somos soldados da Causa da Pátria, e soldados da primeira linha, nesta formidável e decisiva batalha em que a virtude, o mérito, a lealdade, a abnegação, o heroísmo não-de subjugar o vício, a incompetência, a traição, o egoísmo e a pusilanimidade! Porque, meus senhores, Portugal não sofre somente da escassez de dinheiro; o que mais lhe falta é um ideal colectivo que faça congruar, numa comunidade de pensamento e acção, todos os verdadeiros portugueses. E apesar de tamanhos infortúnios, de tantas desgraças e desvarios, Portugal quer viver, deseja reabilitar a sua fama gloriosa.

Sejam, pois, os apóstolos da religião do patriotismo, celebrando os feitos da nossa História, as belezas, maravilhas e encantos da nossa terra, as emoções e os sentimentos altruístas. E para isso é absolutamente indispensável fortalecer a nossa fé, a fé prodigiosa que foi apanágio dos nossos heróis, santos e poetas, e que ainda hoje se manifesta, exuberante, na alma do nosso povo, na alma dos estudantes, na alma dos soldados e marinheiros portugueses que caminham para a luta cantando e acreditando na vitória. Essa mesma fé que nos alumiu na escalada para a Epopeia da Raça, ilumina-se, como por encanto, neste ambiente de poesia, de beleza e deslumbramento!

Que esta e outras peregrinações de estudo e de propaganda patriótica nos forneçam os materiais para as grandes construções do futuro, constituindo uma escola onde se aperfeiçoem os caracteres e se esclareçam as inteligências, e um templo onde se elevem os corações de todos os portugueses, irmanados no mesmo anseio de ressurgimento.

.....

Cerrando fileiras em volta do altar da Pátria, caracteres disciplinados, pela noção perfeita da responsabilidade, pelo cumprimen-

to fiel do dever e da honra, estabeleçamos um pacto de solidariedade, colaborando na obra bendita do ressurgimento nacional.

ESCOLA SUPERIOR COLONIAL

A última reunião dos alunos desta Escola, para a eleição dos novos corpos gerentes da respectiva Associação, tomou um interesse que muito nos faz prever as boas disposições em que os mesmos estão de realizarem uma obra de propaganda colonial e associativa que os imponha.

Também sabemos que o sr. Conde de Penha Garcia não descarta a necessária e urgente reforma dos cursos deste importante estabelecimento, nem a codificação inofensiva das garantias imediatas dos ditos cursos.

FEDERAÇÃO DOS GRÊMIOS REGIONAIS

Nun louvável intuito de maior união, defesa e conhecimento mútuo de todas as províncias, vai organizar-se em Lisboa a Federação de todos os grêmios regionais do continente e ilhas.

Tal ideia, dado o patriótico espírito de que é revestida, não pode deixar de ter o aplauso de todos os regionalistas sinceros.

A CASA DOS ALGARVIOS.

Parece ter entrado no caminho das realizações a ideia da fundação da «Casa dos Algarvios» em Lisboa. O nosso director abriu, para esse fim, uma subscrição no «Correio do Sul», de Faro, que teve o melhor acolhimento e logo na 1.ª semana uma inscrição de quasi 3 mil escudos.

Essa subscrição continua simultaneamente aberta no «Correio do Sul» e na «Alma Nova».

Até 5 do corrente subscreveram:

Mateus Moreno	Esc.	100\$00
Humberto José Pacheco		1.000\$00
D. F.		50\$00
José Raúl da Graça Mira		100\$00
Idem, cotização mensal		25\$00
António Santos Mendonça		1.000\$00
Pedro Estula Ribeiro		100\$00

Várias festas pensa a «Alma Nova» promover em Lisboa, entre a colônia algarvia, para obtenção de fundos destinados à referida «Casa».

INSTITUTO ALGARVIO

Os estudantes algarvios que se encontram tirando os seus cursos em Coimbra, acabam de fundar ali, no edificio da Associação Académica, uma agremiação regional com o título acima, de cuja Direcção é presidente o autor das *Bases históricas do Regionalismo Algarvio*, sr. Carlos Pedro Cabrita.

A Direcção do mesmo Instituto convidou o director da «Alma Nova» para seu delegado em Lisboa, num officio cheio de fé regionalista e penhorantes expressões que não podemos deixar de agradecer.

AS NOSSAS SEPARATAS — Por dificuldades imprevistas, surgidas no correio, não poderão ser distribuídas dentro da *Alma Nova*, como desejávamos, os oitavos de «O Desenho e as Mulheres».



DR. M. GOMES DOS SANTOS
Presidente do «Nielen do Ressurgimento Nacional» e da direcção do Orfeão Académico de Lisboa.

EL-REI CARNAVAL

A SUA VIDA... E ENTÊRRO

A minha «vizinha do lado» — com licença da memória saudosa de André Brun, mais da sua linda peça com êste título, — deitou hoje a loira cabecinha de fóra da janela, para me desfechar êste disparate:

— «Vizinho, morreu o Carnaval...»



— Certo?! — respondi eu, estarecido... Mas fixando um olhar interrogativo na sua boquinha escandalosamente enrubescida pelo *baton*, pedi-lhe licença para não acreditar.

Podia lá ter morrido, de facto, S. Magestade o Carnaval, quando há por aí tanta carinha bonita, que nem podia viver sem a sua protecção!?!...

O «Carnaval» não morre, não; êle vive e viverá sempre — é de todos os dias... Está, pode dizer-se, enterrado, vivo, nos nossos hábitos e necessidades... Se êle há até quem nunca arranque a máscara... nem mesmo para dormir!...

*

— Ora vai-te despir, com tanta «pose»! O *Ferro*, ao menos, marca... os seus entrevistados.

*

— Onde foste *plagiar* essa cara, que parece mesmo um *S. Jorge* em procissão de *Ramos*?...



— Por quem me toma o senhor, que não há meio de deixar de me seguir? Desejará que eu chame imediatamente um polícia?!
— Não é necessário, minha senhora, ei-lo às suas ordens... Queira ter a bondade de mostrar-me os seus papéis...

(Des. de Caiplús).

NO CARNAVAL

DEBALDE vossência esconde
Sob uma máscara, a cara:
Porque o resto corresponde
Do rôsto à beleza rara.

E sem que outra coisa sonde,
A gente logo repara
Na elegância e graça avonde
De figura assim preclara...

Sob a máscara de sêda
Mais seu olhar embebeda
E mais sua graça avulta...

E a gente diz, quando a vê:
— Se o que se vê assim é,
Que será o que ela oculta!...

(Inédito).

CARLOS DE LEMOS.

Êrros... de visão



— O' *Barata*, com quem estou eu a falar, é com você ou com o seu irmão?!

— E' comigo, homem, pois não vê?!...

— Como assim, se vocês andam sempre mascarados com a cara um do outro!



— Porque chamas ao «Café Chiado» o «Aquário dos Imbecis»?

— Porque deixei de lá ir...

*

— Oh! como está?!... O que faz agora o meu Augusto Santa-Rita?!

— Como sempre, *Versos — meninos*...

— E você, ô António Bôto:

— Oh! eu... como sempre, *versos a meninos*...

*

— Não digas mais, já sei: E's escritor e chamas-te *Eduardo*.

— E' espantoso! Mas porquê?!

— Ora, porque há de ser? Porque tens as mãos *frias*...

*

— Mas que Carnaval tão carnalesco, não achas?... Não tem mesmo graça nenhuma!...

— E' a Vida, meu velho, é a vida!... Mas olha, assim tem até mais graça... Medita um pouco e verás...

Com toda a sinceridade

JOÃO SINCERO.



AS
CARTAS
DE
AMOR
EM
PORTUGAL



PELO
DOUTOR
JÚLIO
DANTAS
(VERSÃO)



Os portugueses tiveram sempre a reputação de enamorar-se facilmente e, o que é mais, tem passado também — particularmente as mulheres — por possuir o dom de escreverem bem as cartas de amor, de escrevê-las com mais ternura do que as francesas, as espanholas e as italianas. Evidentemente, tem contribuído muito para propagar esta opinião, a atmosfera criada, em França mais do que em qualquer outra parte, em volta das cartas de Sôror Mariana, ainda que, quarenta anos antes da freira de Beja ter dirigido as suas cartas imortais a Mr. de Chamilly, já se dizer em Madrid: «Para escribir una carta de amor, no hay como una portuguesa».

Nada mais fácil do que provar, mediante citações bem escolhidas, que muitos escritores estrangeiros tem feito frequentes alusões ao que de mais amoroso e delicado há no nosso carácter. Lope de Vega e Tirso de Molina afirmam em suas obras de teatro que não há mulheres mais amorosas e ciumentas que as portuguesas. M.^{me} de Sévigné, na sua carta a Brancas, desculpa-se de não ser muito terna, porque, a fazê-lo assim, «seria portuguesa».

A mulher portuguesa tem um coração sensível, uma penetrante inteligência do sentimento e toma o amor a sério, talvez como nenhuma outra mulher. Quando ama verdadeiramente, deixa-se dominar e absorver pelo amor e entrega-se-lhe com fervor místico. O amor não é nunca para ela uma frivolidade, é uma paixão fatal que dura toda a vida. É talvez as suas cartas impressionem e perturbem muito mais que todas as outras, porque a mulher portuguesa ama com mais exaltação, com um abandono total, consumindo-se na chama que ela própria acende.

Não tenho dúvida em confessar que conheço mulheres apenas educadas que, com os simples recursos da sua delicada sensibilidade, escrevem cartas deliciosas. O segredo da sua originalidade estriba-se precisamente na sua sinceridade absoluta. Deixam falar o coração, e o coração que fala livremente, poderá às vezes carecer de elegância nas suas expressões, mas nunca cairá na banalidade.

Visto que as mulheres portuguesas tem tal reputação, pode parecer estranho que não exista na nossa literatura mais do que uma tam modesta colecção de cartas de mulher. E' que os portugueses — honra lhes seja — não tem o costume de publicar as cartas de amor que recebem. É um sentimento de piedoso respeito inpele os herdeiros dos grandes apaixonados a deitarem ao fogo as pequeninas folhas onde se gravaram as loucuras que, mortos os que as escreveram, tem já direito ao esquecimento.

É indubitável que, se Mr. de Mora tivesse pensado assim, nunca nós teríamos conhecido as cartas de M.^{me} de Lespinasse e que, se análogos escripulos houvessem detido Mr. de Chamilly, esses tesouros de sentimento das cartas de Sôror Mariana de Beja haveriam desaparecido para sempre. Mas se a nossa literatura tem perdido provavelmente com isso, em compensação tem ganho, sem dúvida, a reputação de muitas mulheres.

No século XVIII, um dos franceses mais mimado pelas mulheres, dizia que nenhum homem de honra tinha direito de conservar cartas de amor. Nós temos ido mais longe, dizendo que todo o homem de honra deve reduzi-las a cinzas. E quantas maravilhas se tem perdido, quantos génios não tem sido revelados, quantos problemas de história tem ficado sem solução, por haver devorado o fogo algumas cartas!

Os franceses conservam e publicam tudo. Dia a dia, com uma

falta de respeito que atinge o impudor, se publicam cartas de amor revelando os segredos mais íntimos, as misérias do coração de personagens célebres (Vejam-se as cartas de Veneza, Musset e George Sand). Nós temos sofrido talvez do defeito oposto. É o resultado do nosso excesso de discreção, é que quasi não há outras provas do talento epistolar das portuguesas, a não ser as cartas de Sôror Mariana, tão humanas, tão admiráveis que até puderam resistir à tradução francesa em *As Preciosas Ridículas*.

Não obstante, subsistem alguns documentos para o estudo das cartas de amor dos nossos antepassados, ainda que a maioria sejam de homens.

Remontemo-nos ao século XVI. O perfume das cartas escritas e recebidas por «Eva», portuguesa da Renascença, exalou-se até nós. Então, a arte de escrever cartas de amor era já uma arte delicada e difícil. Em primeiro lugar, raras eram naquela época as pessoas que sabiam ler e escrever. Logo, a arte de cortejar epistolarmente obedecia a regras em que se revelava um conhecimento muito profundo da psicologia amorosa e, muito particularmente, da psicologia feminina. As declarações de amor havia que fazê-las sob uma forma imutável e num estilo particular.

Na comédia *Euphrosina*, onde estão também descritos os costumes da vila de Coimbra no século XVI, com seus estudantes «Capigorros» (1) e as suas «tricanas» (2) roliças como pombas e brancas como prata, há uma scena muito curiosa, na qual um estudante ensina a outro a escrever uma carta de amor. Desta scena resulta: que as cartas se redigiam compridas e respeitosas; que os mais apaixonados se feriam no dedo para escrever com o seu próprio sangue; que estava em voga pintar no papel um coração trespassado por uma flecha ou destroçado pelas garras dum leão; que as cartas terminavam com coplas dizendo em verso o que se não havia podido dizer em prosa.

Quanto à redacção propriamente dita da carta de amor, está minuciosamente indicado tudo o que deve expressar a sua dialéctica, os processos aconselhados ao enamorado para insinuar-se na dama dos seus pensamentos, para captar a sua confiança, suggestioná-la, obter dela todos os favores. Os psicólogos modernos ultrapassaram muito pouco os estudantes do século XVI no conhecimento do coração feminino. Expressavam-se as mesmas coisas que hoje, numa linguagem talvez menos depurada, mas desde então mais pitoresca. Escrevendo à mulher amada, o homem devia de fazer sempre ante tudo gala de um humor doce, submisso e respeitoso. A carta devia começar por palavras ternas, graves, cheias de persuasão e linha que entrar no assunto da maneira mais confusa possível.

Com efeito, diz-se na aludida comédia que não convém que as mulheres compreendam em seguida o que nós lhes dizemos. A razão é simples e o estudante a explica a um amigo: «as mãos em jarra, a cabeça erguida pela rigidez do seu colarinho gomado», à semelhança dos personagens predilectos de Pantoja de la Cruz: «Se as mulheres compreendessem imediatamente o que nós queremos, magoar-se-iam e fugiriam como pássaros espantados».

(Continúa).

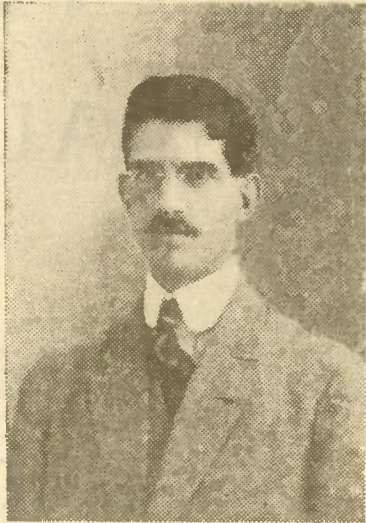
JÚLIO DANTAS.

(1) Estudantes com a capa e o gorro tradicionais.

(2) Nome dado às mulheres da cidade de Coimbra.

No próximo número: «Guerra Junqueiro», revelações inéditas pelo Dr. Luis de Oliveira Guimarães

ACTUALIDADES



NUNO CATARINO CARDOSO,

um dos nossos mais talentosos e operosos investigadores literários e de assuntos de arte e regionalismo, cujo último livro « Guia de Sintra e arredores », acaba : : : de entrar na 2.ª edição : : : :



DR. OSCAR CARDOSO MONTEIRO

ilustre oficial de Marinha, e autor do livro de poesias : : « Mar de Sargaços » : : :



JOÃO MARIA FERREIRA,

que publicou, em excelente edição da Livraria Rodrigues & C.ª, um novo livro de poesias, sob o título « Crepúsculos ».

OS LIVROS
DOS MÊS

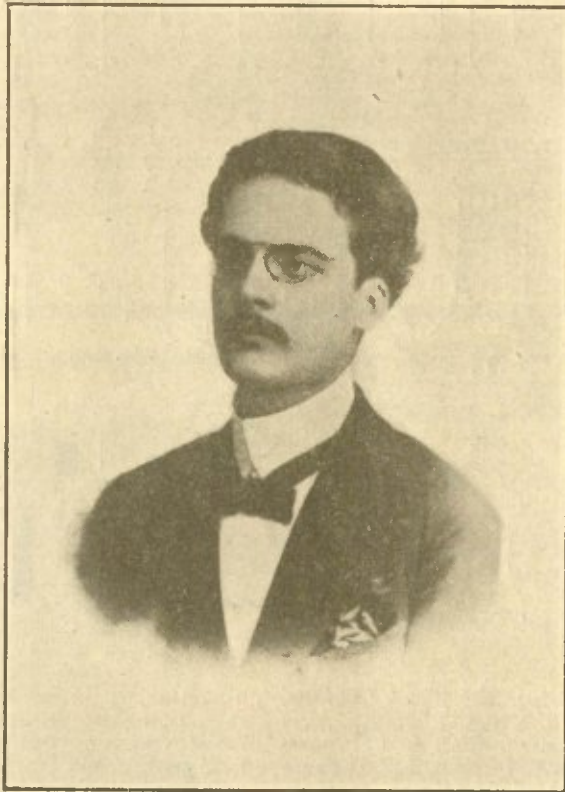
ESTA página da *Alma Nova*, que é por assim dizer uma síntese do suplemento gráfico da mesma revista, que as anormalidades do momento impedem de lançarmos já, esta página não podia comprazer-se com a simples documentação gráfica dos principais factos do mês — preocupa-se também, e muito, com o registo da vida mental de todo o país. É por esse registo que se avalia, aliás, o que vale e aquilo a que tem direito uma nação. São as ideias, creí Le Bon, e, por conseguinte, aqueles que as encarnam e propagam, os guias do mundo. As ilusões, longe de serem um mal, são, por isso, um bem colectivo. São elas, afirma conviçadamente o mesmo psicólogo, os mais poderosos de todos os factores do desenvolvimento das civilizações. Em vez de seres aparte, no movimento civilizador dum país, os poetas são assim os seus melhores agentes. É só o impulso sagrado das suas ideologias que se formam e se elevam as almas e os caracteres. Hoje vão rareando os poetas, só um vendaval de teorias rudemente materiais, que não sei bem onde nos levará. Coisa o definir constante da poesia na literatura dos povos, vai definhando também, passos gigantescos, a flor do sentimento. É um grande mal, creiam-no os práticos. . .

A cinco livros de versos, recentemente publicados, nos referiremos hoje, no entanto. São eles: *Poesias Escolhidas*, formoso volume de trezentas e tal páginas, da autoria dum grande poeta baiano, de ascendência portuguesa, Dr. Egas Moniz Barreto de Aragão (Pethion de Villar); *Suavidade*, de Salema Vaz; *Crepúsculos*, de João Maria Ferreira; *Mar de Sargaços*, de Oscar Cardoso; e *Poesias*, de Luisa de Vilhena. O primeiro e o último destes volumes são póstumos. Pethion de Villar era um poeta em plena maturação do seu prodígio talento. Algumas das suas poesias confirmam o epíteto que lhe deram de « príncipe dos poetas baianos »; Luisa de Vilhena, roubada à vida no desahrochar das suas belas faculdades criadoras, das quais tanto havia a esperar, era uma alma dulcíssima de criança e um espírito duma vibratidade e duma lucidez tão penetrante, que só nos verdadeiros talentos se encontra similar.

Suavidade, de Salema Vaz, e *Crepúsculos*, do sr. João Maria Ferreira, são dois livros que nos trazem ao menos esta consoladora certeza: não morreu de todo, entre nós, a poesia. *Suavidade* tem uma bela apresentação e versos dum sabor muito lusitano, na sua maioria inspirados em pensamentos de Camões, Camilo e António Nobre.

Das duas partes em que o livro se secciona — *Harpa Lusitana* e *Poemas breves* —, a primeira foi a que mais me agradou. Os sonetos de abertura são rítmicos e perfectos, e *Ail pobre Luso*, . . . tem cor e sentimento.

A páginas 83 há um soneto demasiado camoneano, e na página 84 outro



DR. EGAS MONIZ BARRETO DE ARAGÃO

(PETHION DE VILLAR)

o grande poeta baiano, autor do formoso livro póstumo « *Poesias Escolhidas* », que sua virtuosa e ilustre esposa, D. Maria Elisa Valente Moniz de Aragão, acaba de : : fazer sair dos prelos da « *Ressurgimento* » : : :

que Olavo Bilac não engeitaria. O conteúdo, todo de harmonias suaves, justifica o título do livro.

Dos *Crepúsculos* diz o próprio autor:

« *Crepúsculos*, são versos de tristeza, tecei-os a solidade no meu peito, há néles muita dor, muita incerteza, muito sonho boníssimo desfeito.

Um ou outro lampejo de alegria, rullante vôo de ave, néles passa, é qual raio de sol em plumbeo dia, ou riso de criança aberto em graça.

Mas alegres ou tristes vos garanto que nos pobres, humildes versos meus e em tudo quanto faço, digo e canto, meu pensamento eleva sempre a Deus.»

Assim é, de facto. Em todas as composições do sr. João Maria Ferreira se lê uma particular devoção pelos mistérios divinos. Os seus acordes ganham assim em ternura. O autor, que manteve durante a Monarquia as melhores relações com a Corte, canta neste livro as suas recordações desses tempos e a sua obediência intransigente aos princípios nesse convívio hauridos. Fâ-lo as vezes de forma quasi aggressiva, mas nem por isso menos elevada.

Na 3.ª parte do livro — *Madrigais* —, há redondilhas dum valor popular muito agradável; e em *Albuns e Postais*, improvisos felizes. Os meus livros, a páginas 87, é, talvez, a melhor poesia do autor — uma poesia que consagraria, sem favor, o poeta, se porventura a sua obra anterior o não tivesse já de há muito conseguido.

Mar de Sargaços, do médico de Marinha, dr. Oscar Cardoso, é um livrinho-estrela, que já se não pode considerar um ensaio. O autor sabe afogar-se ao mar alto da poesia . . . e não enjôa. Das suas produções, as mais curiosas e talvez mais reveladoras da índole do poeta, são as *Cantigas de mal dizer* e restantes redondilhas.

O vilancete construído sobre a poesia:

Descalça vai para a fonte,
Leonor pela verdura:
Vai formosa e não segura.

é um verdadeiro mimo!

Malheus Moreno.

Prosa. — Entre os livros de prosa que últimamente temos recebido, aguardam referência crítica:

Uma Pintora (Eduardo Lapa), de D. Elvira Pais dos Santos; *Ideias de ouro*, de Eduardo Scarlali, e *Camões e a Epopeia Nacional*, de Faria de Castro.

Publicações várias: — N.º 43 do *Boletim da Agência Geral das Colónias* — utilíssima publicação mensal em volumes de 200 a 300 páginas cada número.

Nação Portuguesa — Revista de Cultura Nacionalista. — Lisboa.

Portugale — Revista trimestral il., de cultura literária, científica e artística.

CHAMINÉS DE PORTUGAL

P O R L U Í S C H A V E S

(CONCLUSÃO)

II

O tipo geral da chaminé tem a forma de prisma rectangular ou de pirâmide rectangular truncada, mais ou menos desenvolvida em comprimento e altura. A's vezes sobrepõe-se esta forma piramidal à primeira.

Varia depois o dispositivo da saída do fumo. No modelo mais simples, a abertura superior estreita-se, e fica uma fenda longitudinal hiante. Vem depois as telhas em altura ou comprimento, isto é, de pé ou deitadas, encostadas duas-a-duas, até, como mãos postas, resguardarem da chuva toda a fenda fumeira. Modernamente cobre-se a miúdo com chapas de ferro. (Fig. n.º 1 e 9, respectivamente de *Obidos* e *Alcanena*, e de *Extremôz*).

Prismáticas ou piramidais, no alto do telhado ou perto do beiral, a parte posterior ao rés do telhado ou toda a construção desempenada, as chaminés em certas regiões extremenhas arredondam-se superiormente no sentido das faces maiores; a fenda fica aberta e os bordos juntos, ou é acompanhada de telhas (*Sintra, Colares, Obidos*, Fig. n.º 2).

Outro dispositivo para a saída do fumo, consiste em séries de orifícios ou janelucos nas paredes da chaminé: são triangulares nas fig. n.º 7 a 9 (*Tomar, Alcobaca, Alcanena*); quadrados como nas fig. n.º 3 (*Torres-Novas*), n.º 6 (*Valado*), n.º 18 (*Extremôz*), paralelogrânicos por exemplo nas figs. n.º 10 (*Alcobaca, Obidos, Leiria*, etc.), n.º 15 (*Extremôz*), ponteados, subpentagonais; na fig. n.º 4 (*Coimbra*); curvilíneos na fig. n.º 5 (*Leiria*); ora isolados, fig. n.º 1 (*Obidos*), n.º 6 (*Valado*), n.º 10 (*Obidos*), n.º 18 (*Extremôz*); ora em série, figs. n.º 3 a 5 (*Torres-Novas, Coimbra e Leiria*), n.ºs 6 a 9 (*Valado, Tomar, Alcanena e Alcobaca*), n.ºs 10 e 11 (*Obidos, Alcobaca, Leiria, Tomar e Caldas-da-Rainha*), n.º 12 (*Cabrela*), n.º 13 (*Obidos*), n.º 15 e 16 (*Extremôz*); iguais como nestes todos, ou desiguais em disposição de fantasia com os tejos de construção, fig. n.º 17 (*Borba*); alrem-se os orifícios agrupados em forma de janela, simples ou dupla, fig. n.º 14-A (*Extremôz*).

Rasgam-se fendas nas paredes da chaminé, que são guarnecidas de tejos a-prumo ou encostados dois-a-dois, nas fig. n.º 7 (*Tomar*), n.º 8 (*Alcobaca*), n.º 9 (*Alcanena, Tomar e Parceiros*).

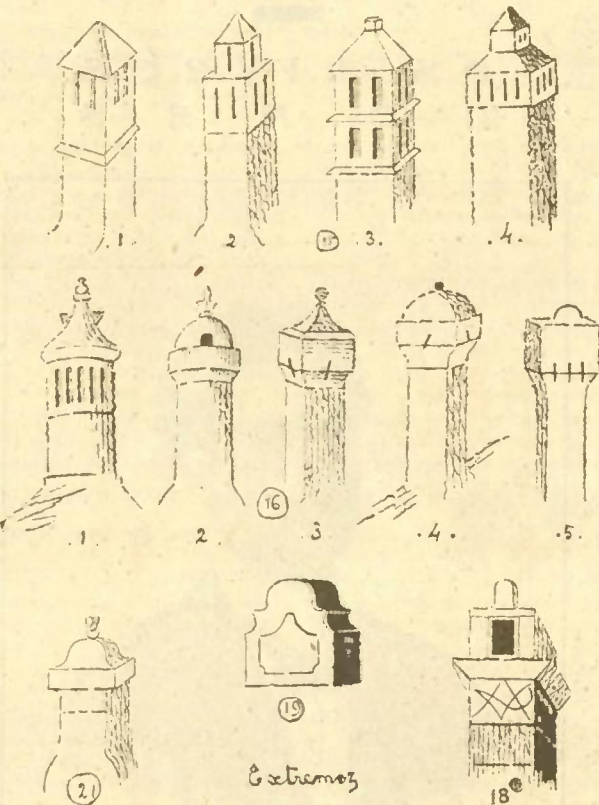
Freqüentemente se acumulam estes dispositivos no mesmo exemplar (cfr. figuras indicadas).

Em *Tomar, Torres-Novas e Alcanena* (fig. n.º 9), a chaminé cobre-se de um tejadilho de duas vertentes: o fumo sai por um buraco triangular, aberto nos topos, e por uma fenda lateral com tejos verticais ou encostados aos pares, correndo-a de cima até baixo.

Outro modelo é o da chaminé turriforme, de base

quadrada. Termina em ponta; sôbre o fuste prismático ergue-se uma pirâmide curta, a formar-lhe capêlo, de faces planas ou arredondadas em forma de zimbório, fig. n.º 10 (*Obidos e Alcobaca*) e n.º 15 (*Extremôz*). O capêlo toma formas artísticas na fig. n.º 11 (*Caldas-da-Rainha*), n.º 17 (*Borba*) e na fig. n.º 2 (*Algarve*). O fumo é expellido por fendas rectangulares, verticais, rasgadas logo abaixo do capêlo, nas quatro faces da chaminé.

No Alentejo e Algarve fazem-se chaminés curiosas, com efeitos decorativos tirados dos próprios tejos de construção. Servem de exemplo os dois modelos da fig. n.º 12, junto da estação de *Cabrela* na linha do Sul-o-Sueste, o da fig. n.º 17 (*Borba*), e as reixas de muitas chaminés de *Evora, Extremôz* (fig. n.º 14-A), *Beja e Algarve* (fig. n.º 20).



(Croquis de Saavedra Machado).

Com a forma rectangular, paralelipédica, ou em forma de torre, as chaminés oferecem-se à fantasia dos construtores, que sobrepõem formas; enchem-nas de molduras; corream-nas com florões e borlas fig. n.º 17 (*Borba*) e n.º 21 (*Extremôz*); frisam planos (fig. n.º 13 (*Obidos*); dispõem com graça as séries de fendas, por onde sai o fumo, com tejos ou telhas; ornamentam-lhes frisos com desenhos (fig. n.º 18, *Extremôz*) e esgrafitos; pintam-nas de cores vibrantes, as mesmas das fachadas, ou as das molduras que envolvem em friso, rodapé e bandas, as paredes brancas e os vãos, como na região garrida de *Mafra e Ericeira*, decoração estudada e descrita com ilustrações pelo Dr. Félix Alves Pereira em *O Arqueólogo Português* (1).

As chaminés mais airozas são as do Sul, alentejanas e algarvias, onde predominam formas de torre e minarete, restos mouriscos aqui e ali mais ou menos misturados com vestígios de construções do século XVIII, num perfil a um tempo de atalaia bélica e pombal branquíssimo.

Reduzem-se, de uma maneira geral, a dois tipos: — o primeiro, equipado ao tipo nacional em forma de arca, alongada; — o segundo, mais característico, é turriforme, quer circular quer rectangular. E, como tipo misto, aparecem as chaminés arciformes de alto porte, prismáticas umas, piramidais truncadas outras.

1) — Tipo de arca. — São rectangulares, alongadas, em geral mais altas que no Norte, consoante ficou dito já. A fumarada sai, como no resto do país, por fendas no alto, sem resguardo ou resguardadas com telhas, e por fendas laterais encobertas com uma telha ou gra-

(1) Félix Alves Pereira, in *O Arch. Português*, vol. XIX, p. 327-328.

deadas de tejo: figs. 14 e 14-A (*Extremôz*), n.º 17 (*Borba*) e n.º 20 (*Algarve*).

2) — Tipo de torre —

a) **prismáticas.** Teem o aspecto de torres. Uma são de secção rectangular quasi sempre quadrada, (figs 15 e 16, 3 a 5), de *Extremôz*, outras cylindricas, (fig. n. 16, 1 e 2). Terminam aquelas em tejadilho ou dispositivo piramidal; outras conservam-se prismáticas, mas teem por cima outra de secção menor, a rematar em pirâmide (fig. n.º 15, 2 e 4). As faces do remate são planas, ou curvas (fig. n.º 16, 3 a 5), e às vezes é o remate envolvido por um envólucro cúbico (*id.* 5).

A expulsão do fumo obtem-se no alto por intervalos resguardados pelo **capêlo**, ou por fendas laterais. As águas acumuladas à volta do **capêlo**, no reservatório que pode formar-lhes o alargamento superior da moldura em ar de capitel, correm por calhas e saem por um ou mais tubos de cano por face.

Aparecem formas truncadas, truncaturas e rebatimentos, torres de curto porte, vistas igualmente algures, Coimbra por exemplo; fig. n.º 21 (*Extremôz*).

Estas **chaminés**, figs. n.º 14-A, 15 e 16, (*Extremôz*), n.º 17, (*Borba*), n.º 2, (*Algarve*), teem a forma de pousais. Altas e esguias, são preciosas sugestões de torres italianas, como essas **chaminés** que o Dr. Vergílio Correia estudou e reproduziu na sua *Etnografia Artística* (1). Algumas, mantendo o mesmo tipo, são octogonais.

b) **cilíndricas.** São verdadeiros torreões. O fuste, mais ou menos alto, é coberto pelo **capêlo**, ou alarga como em capitel, onde encaixa o **capêlo**, coroado pelo remate de um florão ou borla esférica: figs. n.º 16, 1 e 2 (*Extremôz*).

As saídas do fumo fazem-se por fendas altas em toda a periferia do fuste, entre molduras, ou pelo intervalo deixado entre o **capêlo** e a base larga, formada pelo capitel, ou ainda por fendas, boeiros, alpendrados ou não, abertos no **capêlo**.

*

Nestas esbeltas torres, os ressaltos ornem molduras, e dão à cor branca da cal, ardeoste ao sol, sombras de aguarela. As **chaminés** cylindricas recordam de

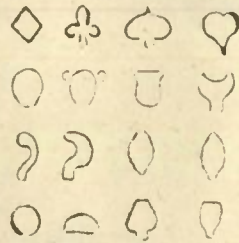
(1) Vergílio Correia.

longe colunas com seu capitel, poisadas ao sol nos telhados, a ampararem o céu caldeaste. As outras, quadradas, imitam como as de Itália torres castelãs e pombais.

Este modelo último, em formas que poderíamos chamar clássicas, é frequentíssimo em povoados com edificios de Setecentos e seus arredores, como *Extremôz*, *Sousel*, *Borba*, etc. O seu tradicionalismo é assim bem mais recente que o das **chaminés** arciformes, se de facto é uma influência localizada pelos construtores do século XVIII, ou seja mesmo uma esquematização encontrada nos modelos velhos de um **medegar** alentejano-algarvio conservado em dispersão.

*

As **chaminés** são geralmente brancas. A decoração, quando a há, está no material de construção e nas linhas estruturais; vai o gosto do artista na forma e disposição das fendas, na sobreposição das molduras, no remate de bolas, florões e pinásios. Se são pintadas, enfaixa-as uma moldura de cor diferente, e na face lisa ou adornada de desenhos vibra cromática nova, calculada para centro de cor.



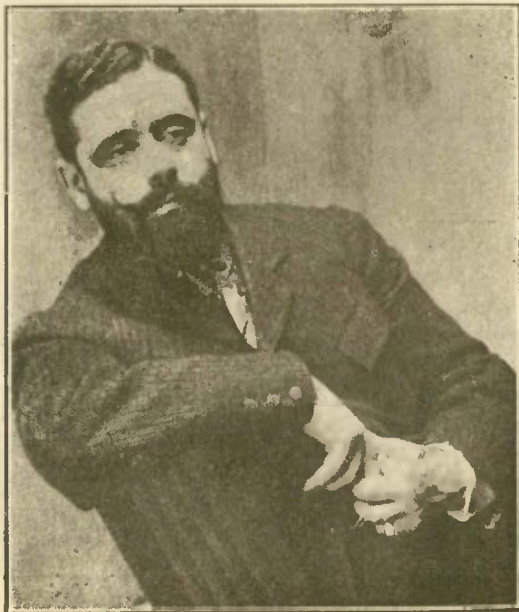
F. 22—Cantos de chaminés

Os cantos das **chaminés** arciformes são guarnecidos de pontas de ferro ou de barro com figuras variadas, como podem ver-se na fig. n.º 22 (*Cano, Alentejo*): naipes de cartas de jogo, foicinhas, ferros de lança, etc.; na fig. n.º 14 veem-se, pontas, esferas, telhas, flores de liz (*Extremôz*); na fig. n.º 6 (*Valado*), duas botijas; na fig. n.º 8 (*Alcoçaca*), pontas, etc.

Em Leiria e toda a região, as **chaminés** são cobertas com chapas de ferro, em forma de tejadilho, guarnecidas de hastes com tremidos e torcidos, que provam o bom gosto tradicional dos artistas ferreiros da cidade do Lis. Na fig. n.º 22, veem-se vários exemplares de **ferros de chaminé**, cruzados, retilíneos, curvilíneos, em zig-zag, em *ss*, com bandeirolas encimadas ou não de cruz. As ferragens de **chaminé**, desde os ferros de contacto com o fogo (trasfogueiros, tremes, espetos, etc.) às guarnições da cobertura do resguardo, formam notabilíssima coleção de desenho etnográfico e da arte nacional do lar, digna de um album da casa portuguesa.

- Luis Chaves.

ARTE • EXPOSIÇÕES



O Pintor Falcão Trigo, um dos mais aguerridos e apreciados elementos do «Grupo Silva Porto». Grupo que expôs recentemente na S. N. B. A., com ruído de êxito. Também realizou uma formosa exposição, na Bohone, o notável pintor José Campas.

TEATROS • CARTAZ DO CARNAVAL

NACIONAL, às 9,30. — C.ª Alves da Cunha — Berta Bivar. — «Uma Mulher», «O Marido de Germana», «Pol-pourri Teatral» e Bailados.

GIMNASIO, às 9,30. — «Minha mulher está maluca», com Ilda Stichini, «O sr. dr. e seu Marido», «O Tambor e o Guiso», «A Hora do Amor» e «Já te matci!!!»

POLITEAMA, às 9,30. — C.ª Adelina — Aura Abranches — Maria Matos. — «O domador de Sogras» e outras desopitantes comédias.

AVENIDA, às 9,15. — C.ª Safaneta — Amarante, com «O Pão de Ló», «Água-pé» e «Flor de S. Roque».

EDEN, às 8,30 e 10,30. — A revista «Féerie da Ladra» e os restantes do seu elenco.

MARIA VICTORIA, id — «A Rambóia», com Hortense Luz. **VARIÉDADES**, id. — «A Mãe Eva», com Eva Stachino, e quadros novos carnavalescos.

TRINDADE, com Amélia Rey Colaço — Robles Monteiro. — «Caras e Caretas», «Heroes do Mar», «O Gato Preto» e Actualidades.

COLISEU — Companhia de Circo, bailes e mafinées.

CINEMAS

OLIMPIA —

S. LUIS — A revista «Abaixo o Cinema!»

CENTRAL — «O gabinete do dr. Caligari».

ODEON — «Ben-Hur».

TIVOLI — «Os melhores films».

CONDES — «O Circo», as «Odaliscas», etc.

TERRASSE — «O grande esforço», «Rapaz ou Rapariga».

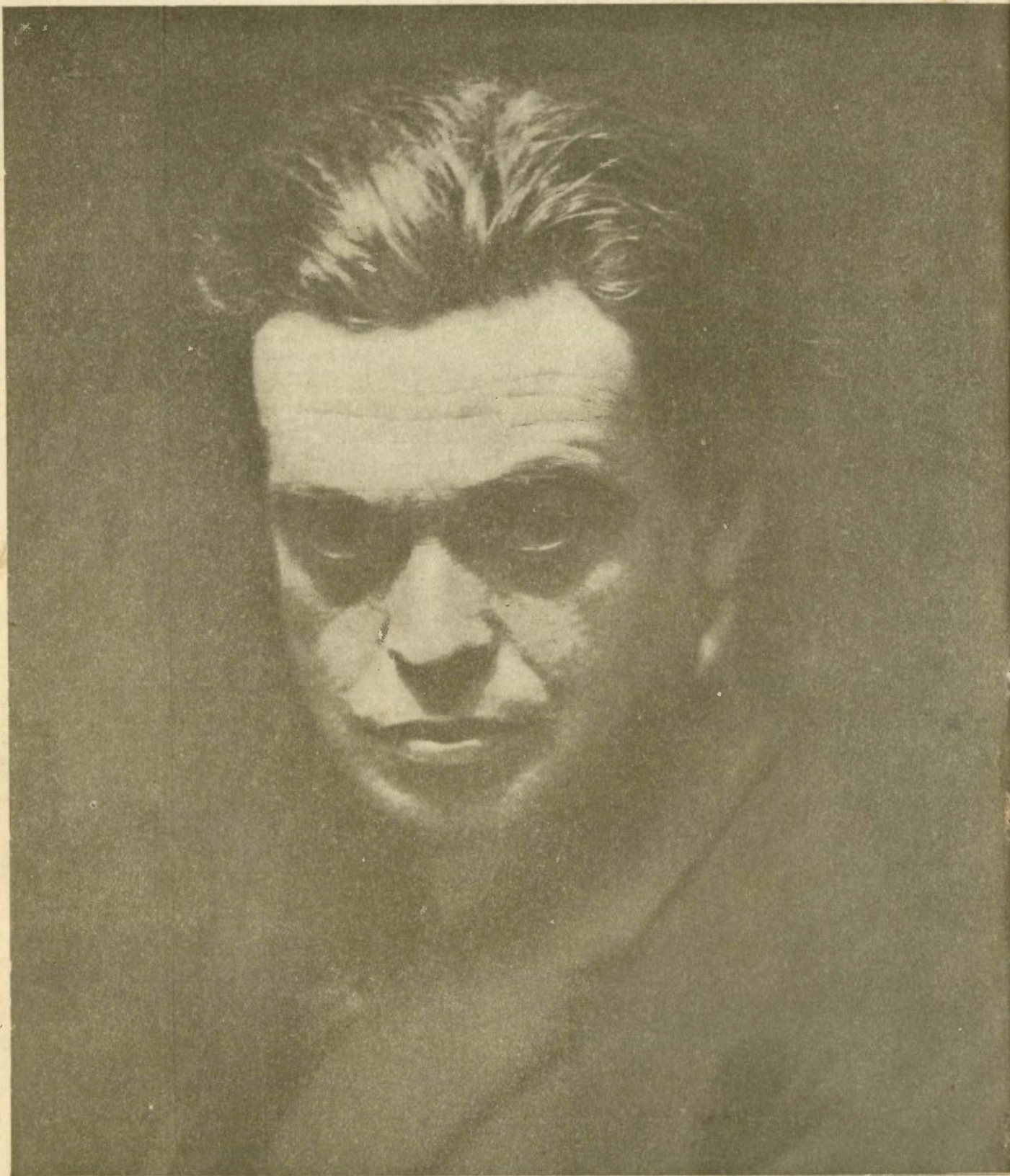
As peluculas da guerra continuam a entusiasmar os frequentadores do cinema, mas tendem já a passar da moda.

Os temas eternos continuam a ser as intrigas amorosas, e as lutas entre o espirito e a carne.

«Ben-Hur», «O Circo», o «Gabinete do dr. Caligari» e «Vitória», fizeram esgotar as lolações. São produções formidáveis!

M. M.

OS NOSSOS DRAMATURGOS
NA EXPOSIÇÃO DE SEVILHA



O TEATRO PORTUGUÊS NA EXPOSIÇÃO IBERO-AMERICANA DE SEVILHA
Um dos originais portugueses escolhidos para serem representados em Sevilha, durante a Exposição, será a peça *Inimigos*, do notável dramaturgo Victoriano Braga, de quem : : : : hoje damos o retrato nesta página, com as nossas saudações : : : :